



CARO AMIGO CHICO LANDI



De cima para baixo: Bird com Luiz Landi; Chico num dos seus bons momentos; Emerson, Chico e Ayrton Senna

As tuas histórias estão cada vez mais fortes. Esse é o preço do pioneirismo e de ter pertencido a uma época mais romântica, quando os pilotos se expunham muito naqueles carros fantásticos que tinham muito motor para pouco conjunto e ainda não havia a cultura de proteger a própria integridade física, principalmente considerando a precariedade daqueles circuitos rústicos onde o público se espalhava inadequadamente até pelas áreas de escape.

Tempos em que, para proteger os olhos, os pilotos usavam óculos que eram emoldurados por uma touca que só poderia servir para evitar o abano desconfortável dos cabelos, e trajavam roupas simples, mas adequadas, porém convencionais. As lembranças dos ídolos-heróis do passado ficam cada vez mais fortes e, como diz o ditado: "Cada um que conta um conto, aumenta um ponto". A coisa toda se amplifica na comparação com os ídolos das gerações posteriores.

Os esportistas modernos dispõem cada vez mais de muitos recursos para o desenvolvimento da capacidade mental e física, haja vista que os recordes não param de baixar, mas, injustamente, devido às circunstâncias, não carregam o carinho da memória que reforça a blindagem dos mitos de todos os tempos, como, por exemplo, na visibilidade do futebol Garrincha e Pelé, e do automobilismo Nuvolari, Fangio, Emerson, Piquet, Ayrton, Schumacher e por aí vai. Isso falando só daqueles que estão no último andar da torre de cristal, mas conforme vamos descendo vão aparecendo tantos outros heróis cuja fama é amplificada com o passar do tempo, e vamos encontrando outros como você, entre vários da minha própria geração.

A vida é assim. A boa memória amplifica a força, a competência, o heroísmo, as virtudes e, como diz o povo: "Só damos o devido valor às coisas boas quando as perdemos".

A história do automóvel e do automobilismo brasileiro é muito forte, e depois de ter escrito meu livro "Entre Ases e Reis", em que conto o privilégio da minha vida de piloto entre a sua época e a de Emerson, tornando-me um contador de histórias deste período, isso me dá uma valiosa bagagem. Cada vez que sou entrevistado ou dou palestras e depoimentos, a grande abertura sempre é a tua vitória no Grande

Prêmio de Bari, em 1948, pilotando uma Ferrari de fábrica, o primeiro espirro internacional do automobilismo brasileiro, e quando eu emendo aquela tua historinha do companheiro de almoços e jantares que gostava das novidades do teu papo, o modesto padre Eugenio Pacelli, que posteriormente se tornou o Papa Pio XII, todos ficam ainda mais admirados. Mais ainda quando conto que ele te concedeu a comenda que, ocultada pela tua modéstia, quase ninguém ficou sabendo. Pela importância, a tua vida vai ficando cada vez mais conhecida e deixou de ser um segredo, tendo sido esse um dos momentos mais interessantes na entrevista que dei no programa do Jô Soares.

Na solenidade dos 50 anos da CBA, diante da elite do automobilismo brasileiro no Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, foi criada a honraria "Personalidade Chico Landi". Neste primeiro ano, o presidente da entidade, Cleyton Pinteiro, apoiado pelo ilustre mestre de cerimônias Reginaldo Leme, chamou ao majestoso palco teu filho Luiz, que te representou e, em seguida o teu amigo e companheiro Wilson Fittipaldi, certamente a figura mais expressiva da nossa história, além de ter sido um dos fundadores da CBA. Também foram homenageados os filhos famosos, o Wilsinho e o Emerson, o presidente da FIA, Jean Todt, e o Ingo Hoffmann. Quando meu nome foi anunciado, minhas pernas tremeram, pois compartilhar aquele palco com figuras tão fantásticas e receber uma honraria com o teu nome foi um dos momentos mais importantes da minha vida. Logo em seguida, tirei uma foto com teu filho e teus netos, o que amplificou o meu orgulho e a falta que fazes, tornando a vontade de te escrever algo incontrolável.

Para quem não viveu aqueles tempos em que os homens não dispunham de tantos equipamentos e tinham que fazer tudo com as próprias mãos, a história se torna romântica e pitoresca, mas difícil para um jovem entender o que é um punta-tacco, frear com a ponta do pé e, com o calcanhar, dar o tempo no acelerador ajudando as reduções. Na largada, jogar a cavalaria do motor no asfalto, dosando o acelerador e a embreagem para as rodas não virarem em falso, ao contrário desses modernos controles de tração, de aerodinâmica que empurra o carro contra o chão, de telemetria e de tanta coisa mais. O que na opinião de

nossos contemporâneos é um exagero que afasta o automobilismo do esporte, o que torna a nossa geração de velhos inconformados, reclamões, e até nisso também fostes o pioneiro, estando disponível no meu site para o leitor desta coluna curtir um manifesto do Ayrton Senna, por ocasião da reforma de Interlagos apelando para que o "S do Senna" fosse Chico Landi, e o teu inédito e antigo manifesto sobre esse modernismo, quando tu profetizaste de forma pitoresca o que está acontecendo hoje.

Tuas palavras se tornam um poema para os inconformados, como eu, que viveram os anos dourados, e contemplam o show da tecnologia da nova geração, que não conseguem avaliar os encantos e o romantismo dos anos dourados.

Frequentemente, eu te encontro em meus sonhos, mas gostaria de saber como vão os nossos companheiros que estão por aí. Se for como eu penso, consigo adivinhar, mas quem sabe um dia você ainda me conte.

Saudade e admiração do amigo de sempre,
Bird Clemente

Veja mais



www.birdclemente.com.br

Veja os vídeos nos links abaixo

<http://www.youtube.com/watch?v=Wxwg9X4JkYM>
<http://www.youtube.com/watch?v=IXKd9cv0PGI>